# AUGUSTO DE CAMPOS E BRUNO TOLENTINO: A GUERRA DAS TRADUÇÕES

John Milton
USP

## 1. A Polêmica

Provavelmente a maior polêmica da história da tradução no Brasil aconteceu nos meses de setembro e de outubro de 1994, quando o poeta e tradutor Bruno Tolentino criticou uma tradução de Augusto de Campos de "Praise for an Urn", de Hart Crane, numa resenha intitulada "Crane anda para trás feito caranguejo", publicada na *Folha de São Paulo,* em 3 de setembro de 1994. A crítica de Tolentino foi uma das mais vituperativas já vistas no mundo, normalmente pacato, das letras brasileiras. Augusto de Campos é descrito como um "vaidoso prepotente", "um delirante autoritário", um "mata-mosquitos" cultural que "sucumbe a um subparnasianismo". Tolentino critica a recusa de Augusto de Campos a analisar os detalhes do texto, como "imperador". O seguinte trecho nos dá uma idéia do tom de Tolentino.

> Mas fico pasmo: será que absolutamente tudo o que o grande americano fez em 140 palavras magistralmente agenciadas escapou a um tão vetusto e erudito inspetor de poesia, inclusive a de língua inglesa? Em todo caso, este consegue fazer da surpreendente *dry directness* irrompendo em: *As, perched in the crematory lobby, / the insistent clock commented on,* a empertigada flacidez de *Iguais às que, no crematório, / Do alto o relógio remoía.*

Além de ser um ataque à tradução em si, foi também um ataque ao concretismo, e à posição que Augusto de Campos ocupa no mundo

brasileiro das letras, e especialmente no mundo da tradução: "Já está na hora de acabar com a admiração dos irmãos Campos no mundo da tradução brasileira: é tempo de que varram de cena as baleias encalhadas nas praias da história".

A réplica de Augusto de Campos, sob o título "Autor se diz vítima de ataque orquestrado", foi publicada no *Estado de São Paulo,* em 17 de setembro. O tom da réplica, datado de 6 de setembro, era o mesmo de seu opositor, marcado por insultos pessoais. Campos se vê injuriado pela resenha e pelo fato de que o poema inédito, somente publicado em jornal, foi publicado junto com a sua foto. Ele enfatiza sua experiência como tradutor, "Com mais de 40 anos de atividade poética, e mais de 40 livros publicados, dois terços dos quais dedicados à tradução de poesia", que seria "uma bagagem literária abismalmente superior à do desprezível e obscuro articulista". Continua insultando Tolentino: "arrivista, salta-pocinhas internacional ... que quer conquistar espaço a tamancadas..." Depois de dizer que a tradução de Tolentino é "recheada de pés-quebrados e de rimas pobres, frouxa e adiposa" além de acrescentar uma estrofe inexistente no original, Campos recorre a uma palavra-valise, no estilo típico dos Campos, para descrever Tolentino: "tolo, doente e cretino — Tolentino".

Augusto de Campos vê a publicação da matéria como orquestração do editor do *Suplemento Cultural*, João Moura, que ele considera como o "padrinho" de Tolentino. Abertamente pede a demissão de João Moura, numa carta dirigida ao Diretor-responsável do *Estado de São Paulo*, Júlio de Mesquita Neto. Campos diz que João Moura "não tem nível intelectual nem responsabilidade para ocupar o posto que ocupa nesse prestigioso jornal". Acompanhava o artigo um abaixo-assinado repudiando a crítica de Bruno Tolentino, assinado por uns 70 intelectuais, poetas, músicos e até políticos brasileiros, por exemplo, Marilena Chauí, João Cabral de Melo Neto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Beth Coelho e Gal Costa.

Nessa edição foi também publicada a réplica de João Moura, na qual ele faz uma comparação entre Pound e Augusto de Campos: "Ninguém idolatra Pound impunemente ... em matéria de atitude de fascistóide, sem dúvida, [Campos] foi mais realista do que o rei."

Mais referências à falta de tolerância aparecem de novo em várias entrevistas com outros intelectuais, que não participaram do abaixo-assinado. Elaine Robert Moraes lamenta a falta de debate intelectual

no Brasil. Quando acontece, é uma grande pena "ter descambado num desprezível coronelismo intelectual". Percebe-se o complexo de inferioridade da classe média e intelectual no Brasil. A impressão que a entrevistada dá é de que tal discussão nunca aconteceria num "país civilizado". José Antonio Pasta também enfatiza o fato de que tais discussões seriam típicas do Brasil. A polêmica seria muito "em conformidade" "com velhos e cruentos ritos nacionais. Esnobismo agressivo, brilhações furiosas, rigorismos convulsos, fantasias de intrangibilidade, cascatas de erudição, epifanias de si mesmo, precipitações súbitas no absoluto... "Toda essa traquitânia colonial da desmedida..." Em geral, os entrevistados apoiam João Moura, aplaudindo o fato de que ele publicou a crítica inicial de Tolentino e criticam o tom da réplica de Campos.

A tréplica de Tolentino também saiu na mesma edição de *O Estado de São Paulo*. Os insultos continuam: Tolentino chama Campos de "um vaidoso prepotente, mais um delirante autoritário num país que se cansou deles", "não sabe versificação inglesa, mal sabe inglês, e não consegue fazer versos na própria língua..."; ele é "um desequilibrado". Tolentino diz que Campos pode ter publicado mais de 40 volumes, mas este publicou seus quatro volumes em quatro países diferentes, cujas línguas ele realmente dominava.

## 2. A Continuação

A polêmica continuou nas semanas seguintes nas páginas da *A Folha de São Paulo* e do *O Estado de São Paulo*. Na *Folha de São Paulo* houve outro debate, desta vez num tom mais educado, entre Arnaldo Antunes e Marcelo Coelho. Em 23 de setembro, Marcelo Coelho, embora não concordando com o tom da polêmica original, posicionou-se como aliado de Bruno Tolentino, criticando o concretismo. Coelho enfatiza a pobreza do conteúdo da poesia concreta, dizendo que as poesias concretas não são mais do que uma estatística de vogais e consoantes, trocadilhos e caligrafias, com a ênfase inteira no significante, e um completo descaso do significado. Os concretistas são contra "tudo o que de secreto e sensível possa haver na percepção, no entendimento poético no mundo." E acredita que o formalismo dos irmãos Campos já está com seus dias contados. Bruno Tolentino havia decidido que podia ocupar o espaço vago do arquinimigo Campos,

mas a qualidade de sua própria poesia deixa a desejar: No livro de poesia de Bruno Tolentino, *As Horas de Katharina,* há alguns momentos excelentes, mas também, há uma prolixidade e um misticismo e parnasianismo fraco em trechos como "o invisível ... uma opala lânguida".

A tática de Tolentino foi errada. Uma maneira melhor de criticar Campos teria sido fazer uma crítica contundente à recente coletânea de poesia de Augusto de Campos. Marcelo Coelho concorda com que Augusto de Campos e Haroldo de Campos sejam de grande importância no mundo poético: eles fizeram muito, e exercem um peso enorme sobre as discussões em torno da poesia, "Mas ninguém fez tanto de forma errada" e "ensinaram gerações analfabetas a apreciar poesia — só que com critérios facilmente adaptáveis a esse analfabetismo".

O leque estende-se, e Arnaldo Antunes, roqueiro, poeta concreto e amigo dos irmãos Campos, responde a Marcelo Coelho, enfatizando o papel dos irmãos Campos em divulgar autores de outras línguas no Brasil, dizendo que a crítica de Marcelo Coelho não era diferente das críticas que os irmãos Campos sofreram nos últimos quarenta anos, defendendo a condensação de idéias encontradas na sua poesia e a importância de descobrir novas maneiras formais de expressão. Refuta a crítica à esterilidade do seu trabalho. Além da tradução, o trabalho de Augusto de Campos estende-se à poesia visual, às gravações em CD, aos hológrafos e à computação visual. E sua influência sobre outros poetas e outras mídias tem sido grande. Antunes defende a importância da forma e experiências com a forma na produção de poesia. A poesia "é justamente o espaço de linguagem onde a forma significa; onde significante e significado se amalgamam um ao ouro, indissociáveis", a poesia é o lugar no qual "a linguagem se desfaz de sua arbitrariedade". Responde à acusação de Marcelo Coelho de que os Campos desprezam "tudo o que de secreto e sensível possa haver no entendimento poético do mundo." Para Antunes, qualquer entendimento poético passa pela linguagem. Essa relação não deveria ser obscurecida, e a linguagem e o contéudo não podem ser separados, como Marcelo Coelho pretende. Antunes enfatiza a multivalência de formas possíveis na poesia — não daria para reduzir a poesia a grupos que são ou a favor ou contra os Campos. Também acusa Marcelo Coelho de "transferir relações de poder comuns à área política, ou às

batalhas comerciais, para a vida estética. Isso resultaria numa "perigosa generalização".

Nos seus artigos de 5 e de 7 de outubro, Marcelo Coelho treplica Arnaldo Antunes. Concorda com Antunes, que sempre há a ligação entre o significado e o significante na poesia. Refere-se à citação famosa de Valéry, de que a poesia vem da tensão entre o som e o sentido, que Arnaldo Antunes usara para defender os Campos. Mas, na poesia dos concretistas, há um desequilíbro nessa equação, sobrecarregando o lado do som — a equação é tratada de uma maneira ingênua, puramente técnica. Os Campos têm uma "relação infantil com a linguagem". A poesia não pode ser somente "uma expansão, ou de uma renovação, das possibilidades técnicas da linguagem." Aconteceu que "depois do concretismo, confunde-se poesia com culinária verbal. E linguagem com significante". Apresenta exemplos da poesia de Castro Alves, Drummond, e de Victor Hugo, nas quais, em contraste, há um equilíbrio perfeito entre esses dois elementos.

Em 7 de outubro, Marcelo Coelho continua sua crítica. Os concretistas fetichizaram suas relações com a linguagem; depuraram o poema de tudo que seria alheio à função poética, todo e qualquer elemento emocional. Começaram a escrever contra a verborragia emocional dos anos 50 e da Geração de 45. Mas erraram em "confiar exageradamente em uma solução técnica". Para renovar a má versificação, tentaram eliminar o verso; para renovar a falta de precisão vocabular, decidiram "incidir na materialidade de cada termo". Essa ênfase resulta num excesso de metalinguagem, um "fetichismo", ou "barroquismo" metalingüístico, e uma resultante pobreza de conteúdo. Marcelo Coelho contrasta esse excesso com o "rigor" e a "concisão", qualidades enfatizadas pelo Concretismo, na poesia de João Cabral. Diferente dos Campos, Cabral consegue dizer "muita coisa" em pouco espaço.

O terceiro membro do grupo paulista de Poesia Concreta, Noigandres, saiu em defesa de Augusto de Campos na *Folha de São Paulo,* em 15 de outubro. Décio Pignatari defende a poesia concreta dos ataques de Marcelo Coelho. A poesia concreta não é mais um movimento em si, senão uma academia através da qual o poeta pode renovar sua própria poesia. É o "software de poesia", o "corredor polonês poético, iniciático", "uma prova" da qual os poetas mais competentes saem fortalecidos, mais cientes da própria linguagem e da forma

poética". Exemplos importantes são Oswald de Andrade, que "deu início ao processo contra a malemolência lírico-metafísica nacional, com seu poema minuto", e João Cabral, com sua tentativa de "despoetizar a poesia".

Pignatari enfatiza a importância do projeto de tradução dos poetas concretos, o único projeto de tradução de poesia no Brasil. Sua escolha acerca de quem traduzir é tão importante quanto a própria tradução em si: só traduziram poetas que eram formalmente inovadores, que tentaram quebrar com formas alienadas. As balizas iniciais eram Pound, Cummings, Joyce e Mallarmé. Depois traduziram Maiakóvski, Khlébnikov e outros poetas modernos russos, os trovadores provençais, Donne e os metafísicos, Lewis Carroll, Dante. Haroldo de Campos também interessou-se pelos ideogramas chineses e ultimamente traduziu *Qohólet*, o Livro de Eclesiastes, do hebraico.

Finalmente, Pignatari faz críticas à competência métrico-versificatória de Tolentino. Diferentemente de Augusto de Campos, Tolentino não consegue "boas tensões rítmicas entre o acento e a duração", adaptando uma poesia de tradição de tempos e durações, a inglesa, a uma poesia silábico-acentual, de acentos fortes e fracos, a portuguesa.

### 3. Discussão

O debate é de grande interesse para quem trabalha na área de poesia e tradução, no sentido de que cristaliza alguns debates históricos acerca da tradução. Não pretendo fazer qualquer tipo de julgamento dos méritos das duas traduções. Esse tipo de discurso, a meu ver, acaba num relativismo e preferência pessoal. Rosemary Arrojo resume os defeitos desse tipo de discussão em *Oficina de Tradução*: " A tradução de um palimpsesto — cada nova tradução apaga as traduções anteriores e produz sua própria interpretação do original." É impossível julgar qual é a melhor, e se há uma melhor tradução. Prefiro concentrar-me nas relações de poder que são visíveis no debate.

Primeiro, é o velho argumento entre a forma e o conteúdo. Bruno Tolentino e Marcelo Coelho são criticados por ignorar a importância da forma na poesia; e, por sua vez, Augusto de Campos é criticado por dar uma ênfase excessiva a este elemento, ignorando a própria forma. Uma crítica anterior a Augusto de Campos foi a de Ana Cristina

César. Em "Bastidores da Tradução", faz uma comparação entre as maneiras de traduzir e a escolha de poemas para serem traduzidos de Manuel Bandeira em *Poemas Traduzidos* e Augusto de Campos em *Verso, Reverso, Controverso*. A comparação é desfavorável a Campos. Ana Cristina César, poeta altamente subjetiva, admira a modéstia, a falta de compromisso e a emotividade da seleção de Bandeira. Em contraste, não simpatiza com a "tecnologia" poética, a intelectualidade, e a falta de sentimento das traduções e a escolha de poetas traduzidos de Campos.

Segundo, é um contraste entre tradições distintas de tradução. A tradução de Bruno Tolentino é uma tradução respeitosa, transparente, na qual o tradutor não quer aparecer. Esse tipo de tradução pertence à tradição dominante no mundo ocidental das letras. Em contraste, a tradução de Augusto de Campos é reconhecivelmente a tradução de Augusto de Campos. Leva todas as caraterísticas formais, uma atenção (excessiva conforme seus críticos) às aliterações e às paranomásias. A mão do tradutor pode ser vista na tradução. Pertence a uma outra tradição, que tem sido ofuscada historicamente. Em *The Translator's Invisibility*, Lawrence Venuti mapeia a história desta tradição na literatura anglo-americana. Passa pelos escritores ingleses pouco conhecidos John Nott (século XVIII) e F.H. Newman (século XIX) até poetas-tradutores norte-americanos do século XX, Ezra Pound e o menos conhecido Paul Blackburn. Haroldo de Campos mapeia seus próprios precursores "alternativos", que mostraram interesse pela invenção formal — Filinto Elísio, Odorico Mendes, Sousândrade, Oswald de Andrade, no Brasil, e, fora do Brasil, Cummings, Joyce, Mallarmé e Pound.

Mas, diferentemente de Pound e a tradução mais "visível" na tradição de letras anglo-americanas, que sempre tiveram uma posição marginalizada, fica claro que o *establishment* no mundo da tradução literária do Brasil, hoje em dia, é o dos Campos. Nos últimos anos, eles conseguiram uma posição central tanto na universidade como no mundo intelectual. Suas publicações e traduções são consideradas as mais importantes na área da tradução. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, sempre dedica grande espaço aos seus lançamentos. Vários dos autores estrangeiros que eles apresentaram ao público leitor brasileiro são os autores estrangeiros mais lidos e mais estudados em círculos intelectuais e acadêmicos no Brasil. Pound, Mallarmé, Poe,

Lewis Carroll, Cummings e Maiakóvski são lidos e estudados no Brasil talvez mais do que nos seus próprios países de origem. Esta posição central nas letras brasileiras é relativamente nova, dos últimos dez ou quinze anos. Ana Cristina César escreve sobre as traduções anti-*establishment*:

> O tradutor Augusto de Campos se refere constantemente às posições tradicionais do *establishment* literário. Considera que sua função é opor-se ao *establishment* através da tradução e publicação de poetas que produziram poesia "revolucionária", ou, pelo menos, poesia orientada para uma revolução da linguagem.

Mas tal foi o sucesso do seu projeto "anti-*establishment*", especialmente com o público leitor jovem, de alguns anos atrás, que as idéias dos Campos agora são divulgadas como as idéias "corretas" sobre a tradução literária. Esses leitores rebeldes dos Campos, de quinze a vinte anos atrás, atualmente ocupam posições importantes nos mundos acadêmico, editorial e intelectual brasileiro.

Essa aura de *establishment* é sublinhada pela lista de intelectuais do abaixo-assinado, confirmando o reconhecimento pela inteligência brasileira. Também é vista na linguagem patriarcal de sua resposta a Tolentino:

> Com mais de 40 anos de atividade poética, e mais de 40 livros publicados, recuso-me a trocar argumentos com um arrivista, um salta pocinhas internacional, que em vez de ascender por seus próprios méritos, quer conquistar espaço e notoriedade a tamancadas, fazendo uso da tática surrada de provocar os seus pares mais conhecidos.

Augusto de Campos assume uma posição de autoridade e superioridade. Longe de ser vanguardista, é o centro do poder. O que mais faz Augusto de Campos parecer uma figura de autoridade intelectual é a carta que escrevera pedindo a demissão do editor do *Suplemento Cultural*. O próprio João Moura acusou-o de ter copiado as atitudes políticas do seu ídolo, Ezra Pound. De fato, a atuação de Augusto de Campos foi criticada por vários dos entrevistados em *O Estado de São Paulo* de 5 de outubro.

Em contraste, Bruno Tolentino é o forasteiro, em mais de um sentido. É carioca, escrevendo num jornal de São Paulo, o reduto dos Campos. Passou sua vida acadêmica fora do Brasil, enquanto os Campos passaram suas vidas em pleno desenvolvimento do mundo intelectual brasileiro. Tolentino, por fim, é pouco conhecido no mundo intelectual brasileiro.

Enquanto a linguagem de Augusto de Campos é a de alguém que está "no centro" e que quer ficar lá, a linguagem de Bruno Tolentino é de alguém que quer entrar, que quer tomar o lugar que Augusto de Campos atualmente ocupa. Uma grande ironia é que Augusto de Campos freqüentemente usa o termo "vanguardista" para se descrever, enquanto defende o poder que conquistou. Mas é impossível para um poeta que já tem um certo sucesso ficar sempre na vanguarda. André Lefevere descreve essa situação:

> Writers who achieve a remarkable, or even potentially disturbing impact with their first (few) works find themselves gradually absorbed into the mainstream, paradoxically because they have been able to introduce a new element into the dominant poetics or because they have been able to propose a novel function for literature, or both... (Lefevere: 22)

Augusto de Campos finge que ainda faz parte da vanguarda brasileira, mas realmente, já se enquadra dentro do *establishment*.

A posição, a raiva e a tentativa de Augusto de Campos de calar a voz de Tolentino parecem bastante ingênuas. José Antonio Pasta comenta que "É preciso ofuscar o outro, submergi-lo, aniquilá-lo". É uma "luta de morte".

"Luta de morte" talvez seja um termo um pouco forte, mas podemos ver bastante ostentação. Podemos dar uma dimensão brasileira a este elemento. Num país no qual sempre houve uma taxa alta de analfabetismo, um complexo grande de inferioridade em relação à metrópole, dificuldade de conseguir livros, a maioria da chamada "crítica literária" sempre foi encontrada em jornais. Sempre foi muito comum exibir o conhecimento soltando longas listas de nomes. José Ghirardi exemplifica essa técnica na crítica de Sílvio Romero no final do século XVIII, que cita longas listas de grandes nomes da literatura ocidental: "Shakespeare, Balzac, Turguenief, Dickens,

Zola... Flaubert, Leconte de Lisle, Sully-Predhomme, Swinburne, George Eliot e Thackeray" (Ghirardi: 13), para dar uma impressão de sua erudição.

Ghirardi considera que Augusto de Campos faz parte desta tradição de ostentação, e mostra que ele também solta listas de nomes com pouca intenção de fazer uma análise da poesia, neste caso, de John Donne:

> O antigo que foi novo é tão novo como o mais novo novo. O que é preciso é saber discerni-lo no meio das velhacas velharias que nos impingiram durante tanto tempo.
> Arnaut Daniel, João Airas de Santiago, John Donne, Marino, Corbière ou Hopkins, Gregório de Matos ou Sousândrade ou Kilkerry (...) não são menos novos que Joyce ou Pound ou Oswald [de Andrade] ou Pignatari...(Augusto de Campos 1978:7)

O tom é semelhante. O leitor fica impressionado com uma lista de nomes, de vários dos quais nunca ouviu falar. Roberto Schwarz sugeriu que os Campos manipulam sua crítica para dar a impressão de que toda a literatura culminou com sua própria obra (*Veja*, 3.6.1992:123). Um exemplo típico é *Nota Introdutória* de Haroldo a sua tradução (junto com Décio Pignatari) da poesia de Mallarmé:

> Mallarmé: tradução em triálago (Décio dixit), palavras da tribo, tributo. E depois de Pound (Cantares), Cummings (10 poemas, um solo, Augusto performing), Joyce (Panaroma, a duas vozes, i fratelli de Campos, turgimanos siamesmos), novamente o trio em tríptico, um Mallarmé que vem sendo trigerado desde os anos 50 completa agora o quadrante da circunviagem: paiduma, quadrívio. (1976:13)

Encontramos o mesmo tipo de auto-exibição nos prefácios e posfácios de Haroldo. Ele critica outras traduções da obra que apresenta, e depois compara com a sua tradução. Não é necessário dizer que as outras traduções são sempre inferiores. Em "Transliteração Mefistofáustica", o posfácio de sua tradução da primeira parte de *Faust*, Haroldo de Campos compara sua tradução com as traduções "inferiores" de Agostinho D'Ornellas e Jenny Klabin Segall, que não

fazem nenhuma tentativa de experimentar com neologismos na língua portuguesa.

Porém, como vimos na primeira parte deste trabalho, o tom dos comentários de Tolentino é não pouco diferente. Parecem um exercício de *wit* mais que de qualquer outra coisa.

Depois da briga inicial, podemos ver a continuação das escaramuças, por exemplo, na *Veja* de 20 de março de 1996 (*Veja*, 20.3.1996: 7-10). Aqui Tolentino ataca a destruição da cultura no Brasil de hoje. O maior exemplo disso é a maneira pela qual as letras e músicas de cantores como Caetano Veloso, amigo e *fellow-traveller* dos Campos, são estudadas em cursos de literatura em colégios. Para Tolentino, a música popular pode ser aproveitada, mas sempre num nível diferente, (inferior) ao da poesia. Haroldo e Augusto veêm a questão de uma maneira muito diferente: Haroldo se chama "uma pessoa intersemiótica", movendo-se livremente entre poesia, música, cinema; Augusto, como já foi constatado, trabalha com poesia visual, holografias e computação. Haroldo vê esse fato como a razão principal do seu sucesso: num país onde lê-se pouco, o cinema e a música popular sempre têm maior divulgação.

Mas podemos terminar com uma semelhança entre os adversários. A posição de Tolentino pode ser criticada como altamente elitista. Mas também podemos dizer o mesmo dos Campos. Sua preocupação é com a forma, não importando qual seja a forma musical, verbal ou visual. Esta ênfase na forma geralmente representa um interesse mais intelectualizado, mais elitista. Nunca interessam-se pelos níveis mais populares da literatura como a narrativa e o sentimento.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Campos, Augusto de. *Verso, Reverso, Controverso*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

Campos, Haroldo de. "Transluciferação Mefistofáustica", in *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo, Perspectiva, 1981.

Campos, Haroldo de. *Qohelet: o que sabe*. São Paulo, Perspectiva, 1991.

Campos, Haroldo de, Augusto de Campos e Décio Pignatari. *Mallarmé*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

Cesar, Ana Cristina. *Escritos de Inglaterra*. Brasiliense, São Paulo, 1988.

Ghirardi, José Garcez. *John Donne e a Crítica Brasileira: três momentos, três olhares*. Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

Homero. *A Odisséia*, tr. Odorico Mendes. São Paulo, Edusp/Ars Poética, 1992.

Lefevere, André. *Translating, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London, Routledge. 1992.

**ARTIGOS DE JORNAL**

"Crane anda para trás feito caranguejo", Bruno Tolentino. *O Estado de São Paulo, Cultura*, pp.Q1-2. 3 de setembro de 1994.

"Autor se diz vítima de ataque orquestrado", carta de Augusto de Campos. *O Estado de São Paulo, Cultura*, p.Q1. 17 de setembro de 1994.

"Criticado prefere esbravejar a argumentar", Bruno Tolentino, *O Estado de São Paulo, Cultura*, p.Q1. 17 de setembro de 1994.

"Personalidades fazem abaixo-assinado", *O Estado de São Paulo, Cultura*, p.Q1. 17 de setembro de 1994.

"Réplica chegou tarde ao editor da seção", *O Estado de São Paulo, Cultura*, p.Q1. 17 de setembro de 1994.

"Intelectuais se manifestam a respeito de polêmica", *O Estado de São Paulo, Cultura*, p.Q2. 17 de setembro de 1994.

"Bruno Tolentino escreve poema em resposta a Augusto de Campos". *Folha de São Paulo, Ilustrada,* 17 de setembro de 1994.

"Polêmica reúne insultos e exibição erudita", Marcelo Coelho. *Folha de São Paulo, Ilustrada,* p.5-8. 23 de setembro de 1994.

"Preconceito contra os Campos se repete há 40 anos", Arnaldo Antunes. *Folha de São Paulo, Ilustrada,* p. 5-4. 3 de outubro de 1994.

"*Função poética* esconde outros jogos", Marcelo Coelho. *Folha de São Paulo, Ilustrada*, p.5-6. 5 de outubro de 1994.

"Concretistas fetichizam relações com a linguagem", Marcelo Coelho. *Folha de São Paulo, Ilustrada* p.5-8. 7 de outubro de 1994.

"A morte anunciada da poesia concreta", Décio Pignatari. *Folha de São Paulo, Ilustrada,* p.5-4, 15 de outubro de 1994.

*Veja*, 20 de março de 1996.

*Veja*, 3 de junho de 1996.